

15 de janeiro de 1958

**Seminário da quarta-feira de 15 de janeiro de 1958**

Eu lhes anunciei que lhes falaria hoje daquilo a que, excepcionalmente, dei um título que se chama *a metáfora paterna*.

Não faz muito tempo, um pouco preocupado, imagino, com a forma que eu ia dar às coisas, alguém me perguntou: *Sobre o que você pretende nos falar na continuação do ano?* E respondi: *Eu pretendo abordar questões de estrutura*. Com isso, não me comprometi.

Entretanto, é bem sobre isso, contudo, que tenciono lhes falar este ano a respeito das formações do inconsciente <sup>1</sup>. Das questões de estrutura, ou seja, para chamar as coisas simplesmente, das questões que tentam colocar as coisas no lugar, as coisas das quais vocês falam todos os dias e nas quais vocês se embaraçam todos os dias de uma maneira que termina por não mais incomodá-los.

A metáfora paterna, pois, é algo que vai concernir ao exame da função do pai, se quiserem, como se diria em termos de relação interhumana, e, justamente, das complicações que vocês encontram, quero dizer, todos os dias, na maneira que vocês podem ter de usá-la, de usá-la como a um conceito de algo mesmo que tomou uma certa forma familiar, haja visto o tempo que faz que vocês falam a respeito. E, se trata de saber justamente se vocês falam a respeito sob a forma de um discurso bem coerente.

Esta função tem seu lugar na História da Psicanálise <sup>2</sup>, um lugar até bastante amplo. Ela está no âmago da questão, desnecessário dizê-lo, do Édipo. Conseqüentemente, na História da Análise, é ao redor do lugar dado ao complexo de Édipo que vocês a vêm presentificada. Freud a introduziu logo no início. O complexo de Édipo aparece com *a ciência dos sonhos*. O que o inconsciente revela ali no início é, primeiro e antes de mais nada, o complexo de Édipo. A importância da revelação do inconsciente é a amnésia infantil concernente a quê? Ao fato dos desejos infantis para com a mãe e ao o fato de que esses desejos são recalcados, isto é, que não somente eles têm sido reprimidos, mas que foi esquecido que esses desejos são primordiais, esquecido que eles são primordiais mas que eles estão sempre aí. Não se deve esquecer que dali é que a Análise partiu e que ao redor disto é que se colocaram um certo número de perguntas introduzidas pela clínica.

Eu tentei lhes ordenar um certo número de direções das perguntas que haviam sido feitas na História da Análise a respeito de Édipo. As primeiras constituem uma data: quando a pergunta surgiu para saber se justamente este complexo de Édipo que, de início, havia sido promovido como fundamental na neurose, sobre a qual a obra de Freud havia mostrado, de maneira patente, o pensamento de seu autor, fazendo do complexo de Édipo uma coisa universal, isto é, que não existe somente no neurótico mas também no normal, e por uma boa razão: é que esse complexo de Édipo, é justamente ele que, se ele peca na neurose, ele peca em função do fato de que ele é essencial numa função de normalização, que é um acidente do Édipo que provoca a neurose. A primeira questão, ao redor da qual posso centrar um dos pólos da História da Análise concernente ao complexo de Édipo, é esta: há neuroses sem Édipo?

---

<sup>1</sup> [...] *a propos des formations de la conscience*; denotando um erro na transcrição.

<sup>2</sup> Na transcrição: *l'Histoire de l'Analyse*

15 de janeiro de 1958

Parecia, com efeito, que certas observações se apresentavam de maneira tal que o conflito, o drama edípiano, não havia desempenhado o papel essencial. Por exemplo, que a relação exclusiva da criança à mãe era o que estava dado na Análise como devendo ser admitido pelo fato da experiência, isto é, que podia haver sujeitos que apresentavam neuroses onde absolutamente não se encontrava Édipo. *Neurose sem Édipo* é o título de um artigo de Charles...

Esta noção de neurose sem Édipo, vocês sabem que na história, essencialmente correlativa às perguntas feitas sobre o assunto do que se chamou o *superar* [surmoi] materno. Será que *superar* é unicamente como Freud, já no momento em que esta questão de neurose sem Édipo foi colocada, o havia formulado, naquele momento, isto é, o *superar* é de origem paterna? - perguntava-se: ele é verdadeiramente de origem paterna? Não há, atrás deste *superar* paterno, este *superar* materno ainda mais exigente, ainda mais opressor, ainda mais devastador, ainda mais insistente, na neurose, que o *superar* paterno? Não quero me deter aí longamente, temos um longo caminho para percorrer.

O outro centro ao redor do qual isto se dá é o centro do Édipo, quero dizer, os casos de exceção e a relação entre o *superar* paterno e o *superar* materno.

Havia então a pergunta aberta de saber se todo o campo de nossa patologia, da patologia que vem sobre nossa jurisdição, que nos está sendo oferecida, a nosso tratamento, a nossos cuidados, não podia ser referida independentemente da pergunta se o complexo de Édipo está aí ou se ele falta num sujeito. Ao que chamaremos o campo pré-edípiano. Se há Édipo, se este Édipo é considerado como representando uma fase, se há maturidade a um certo momento essencial de evolução do sujeito, ele está sempre aí, este Édipo. O que o próprio Freud havia adiantado muito rapidamente nos primeiros momentos de sua obra, cinco anos após a *Ciência dos Sonhos*, quero dizer, tudo o que concerne aos *Três ensaios sobre a sexualidade* era de natureza a nos fazer entender que o que acontece antes do Édipo também tem sua importância.

Claro, em Freud isto adquire sua importância, na medida em que isto toma sua importância através do Édipo. Mas já, ou mais exatamente nunca, nunca naquela época, a noção da retroação de uma ..... de Édipo, sobre a qual vocês sabem que eu aqui sempre chamo e de maneira bastante insistente sua atenção, nunca foi realçada. É algo que parece escapar às exigências do passado temporal do pensamento, já que havia coisas que existiam antes do Édipo. E se certas partes de nosso campo se relacionavam especialmente ao que havia acontecido em nosso campo de experiência, neste campo de desenvolvimento do tema, havia pois uma pergunta que se fazia a respeito das etapas pré-edípianas como tais e de suas relações com o quê? Vocês o sabem: de um lado, a perversão. É o estado primário, se assim posso dizer, o estado deixado abandonado por alguns da noção de perversão — graças a Deus já não estamos mais aí — mas durante um certo tempo todavia, e no início era legítimo, já que não é senão uma aproximação da questão o é menos, atualmente. A perversão, será que é considerada, essencialmente, como algo cuja etiologia, a causa, é de ser, especificamente, relacionada com o campo pré-edípiano? Era por causa de uma fixação anormal que a perversão tomava seu condicionamento, sua raiz. É por isso, aliás, que a perversão não era, pois, senão a neurose invertida, ou mais exatamente, não havendo-se invertido a neurose, a neurose permanecia patente; o que na neurose havia-se invertido, na perversão se via, um dia, o inconsciente estava ali, a céu aberto; o que concernia à perversão não havia sido recalçado, como não havendo passado pelo Édipo. É uma concepção na qual ninguém mais se detém.

15 de janeiro de 1958

Isto não quer dizer que estejamos mais adiantados, mas eu lhes assinalo, eu marco, pois, que ao redor da questão do campo pré-edipiano se colocam, de um lado, a questão da perversão, de outro lado, a questão da psicose. Todas as coisas podem ficar mais claras para nós agora, de várias maneiras. Por enquanto, trata-se, simplesmente, de lhes situar em que zona, em que ângulo de interesse podem se fazer as perguntas ao redor do Édipo.

Trata-se sempre da função da perversão sobre a psicose, na qual a função imaginária, as relações imaginárias, mesmo sem ser especialmente entrosadas no manuseio que fazemos aqui para cada qual, cada um ver que se trata das relações imaginárias, precisamente neste sentido: que o que concerne à imagem, bem especialmente, tanto na perversão quanto na psicose, é, evidentemente, sob ângulos diferentes, outra coisa. É uma invasão mais ou menos endo-física, feita de palavras mais ou menos auditivadas, outra e de caráter abarrotante, parasitário, de uma imagem em uma perversão, sem dúvida alguma. Mas se trata bem aí, em um caso como em outro, de manifestações patológicas nas quais é por imagens que o campo da realidade está sendo profundamente perturbado.

E isto também é atestado pela História da Análise, pois, numa certa relação com o Édipo como tal, já que é especialmente ao campo edipiano que a experiência e o cuidado da coerência, a maneira pela qual a teoria se fabrica, fica em pé. Seria precisamente em razão disso que, em suma, o campo da realidade para o tempo em que ele é perturbado em certos casos profundamente pela invasão do imaginário, parece que há aí um termo que presta mais serviço que fantasmático, pois seria inapropriado para falar igualmente das psicoses e das perversões. Vocês têm neste sentido, no sentido da exploração do campo pré-edipiano, toda uma direção de análise que se engajou, até o ponto de dizer que neste sentido é que foram feitos todos os progressos essenciais desde Freud.

E lhes assinalo que, para este paradoxo, quero dizer, o caráter essencialmente paradoxo, naquilo que abordamos hoje, é constituído pelo testemunho da obra da Sra. Melanie Klein. Numa obra, como em toda produção em palavras, há dois planos: há o que ela diz, há o que ela formula no seu discurso como tal e o que ela quer dizer, porque no seu sentido, que separa o querer e o dizer, há sua intenção. E ao que parece, não seríamos analistas tal como tento fazer entender as coisas aqui, se não soubéssemos que ela diz às vezes um pouco mais além. É até nisso que, habitualmente, consiste nossa aproximação, em ver o que ela diz além do que ela quer dizer. A obra da Sra. Melanie Klein diz, por sinal, coisas que têm sua importância. Têm, às vezes, aliás, só pelo seu texto, sua contradição interna, pelo único fato que podem ser sujeitas a certas críticas que foram feitas. E há também o que ela diz sem querer dizê-lo. E uma das coisas mais surpreendentes a este respeito é que esta senhora, que nos trouxe idéias tão profundas, tão esclarecedoras, sobre o que acontece não só no tempo pré-edipiano, mas sobre as crianças que ela examina, que analisa a uma etapa presumida pré-edipiana, quero dizer, por uma primeira aproximação da teoria, e em toda a medida em que ela aborda nestas crianças temas bem anteriores, forçosamente, que no momento em que ela os aborda, já que é muitas vezes em verbais ou em pré-verbais na história que ela os aborda quase na aparição da palavra, enfim pouco depois, é totalmente surpreendente que seja na medida mesmo em que ela remonta mais no tempo da história pretendida pré-edipiana que ela vê nisso sempre e todo o tempo uma permanência da rogação edipiana.

Se lerem este artigo dela concernente precisamente ao Édipo, verão com surpresa, ela admite e até mostra por testemunhas, no equívoco de sua experiência, desenhos extremamente preciosos de uma criança onde é justamente no estado dito da formação dos maus objetos, na etapa onde é no interior do corpo da mãe que, parece, a ouvi-la,

15 de janeiro de 1958

desempenhar papel predominante a evolução primeira da relação objetal na criança, onde a criança está inteiramente centrada sobre este interior do corpo da mãe, e mesmo numa etapa anterior, na fase dita paranóide, na fase muito precisa que está ligada à aparição do corpo da mãe como na sua totalidade, é nessa fase já anterior que, fundamentando-se sobre desenhos, sobre dizeres, sobre toda uma reconstrução da psicologia da criança nesta etapa, a Sra. Klein nos atesta, entre os maus objetos presentes no corpo da mãe, entre os quais, como sabem, há todos os rivais, os corpos dos irmãos, das irmãs, passados, presentes e vindouros, há muito precisamente o pai, representado sob a forma de seu pênis.

É uma coisa que merece que nós nos detenhamos no momento das relações da função imaginária, nas primeiras etapas onde podem se relacionar as funções propriamente esquizofrênicas, psicóticas em geral e o Édipo. É que é estranho chegar-se a esta contradição numa intenção, que é a da Sra. Melanie Klein, de ir primeiro explorar os estados pré-edípianos. Quanto mais ela remonta, tanto mais ela se encontra sobre o plano imaginário, tanto mais ela constata a precocidade, uma precocidade, se nós nos ativermos a uma noção puramente histórica do Édipo, muito difícil de explicar, a precocidade da aparição do termo ternário paterno, isto desde as primeiras fases imaginárias da criança. É naquilo que digo que a obra diz mais do que ela quer dizer.

Eis, pois, dois termos, dois pólos já definidos desta evolução de interesse ao redor do Édipo: o que concernia primeiro, dissemos, à questão do *superari* [*summa*] e às neuroses sem Édipo, e, depois, o que centra a questão do Édipo ao redor da aquisição ou das perturbações mais exatamente que se produzem no campo da realidade.

O terceiro tempo, que não merece menos observações, é que vai abrir nosso capítulo seguinte. É a relação do complexo de Édipo com algo que não é a mesma coisa, com a genitalização, como se diz. O complexo de Édipo, não o esqueçamos em meio a tantas explorações, questões, discussões, isso passou na história no quase no segundo plano, mas permanece sempre implícito em todas as clínicas. O complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura normal do sujeito nem em suas relações, mas na assunção de seu sexo, isto é, algo que, na análise, como vocês sabem, permanece sempre uma certa ambigüidade. Há a função propriamente genital e esta função faz bem o objeto de uma maturação, de uma maturação como tal. Ela está implicada como fundamental na análise de uma primeira fase, primeira ascensão de maturação que é, ela sim, propriamente orgânica e acontece na infância.

A questão deste primeiro impulso sexual ao qual, vocês sabem, tem-se procurado o suporte orgânico, entendo anatômico, no duplo crescimento, por exemplo, e que acontece ao nível dos testículos na formação dos espermatozóides, a questão da relação entre isto e a existência na espécie humana do complexo de Édipo permaneceu uma questão filogenética sobre a qual muita escuridão paira, ao ponto que ninguém mais se arriscaria a fazer artigos sobre o assunto.

Mas, enfim, isso não existiu menos na História da Análise. A questão, pois, é dupla, na genitalização. Ela é aquela que de um lado comporta no Édipo algo que se realiza, que é a assunção pelo sujeito de seu próprio sexo. Para chamar as coisas por seu nome, é pelo fato que o homem assume o tipo viril, que a mulher assume um certo tipo feminino, se reconhece como mulher, se identifica às funções de mulher. A virilidade e a feminização, eis os dois termos que são essencialmente a função do Édipo.

15 de janeiro de 1958

Devo dizer que nós nos encontramos aqui no nível onde o Édipo está diretamente ligado à função do *ideal do eu* [*idéal du moi*]. Não há outro sentido. Eis, pois, os três capítulos nos quais vocês poderão classificar tudo o que aconteceu como discussões durante o Édipo, e ao mesmo tempo ao redor da função do pai, pois é uma única e mesma coisa. Não há problema de Édipo se não há o pai, se não há Édipo; inversamente, falar de Édipo é introduzir como essencial a função do pai.

Pois para aqueles que fazem anotações sobre o assunto histórico do complexo de Édipo, tudo gira ao redor de três capítulos: o Édipo em relação ao *superau*, em relação à realidade, em relação ao *ideal do eu*. O *ideal do eu* em todas as oportunidades portando a genitalização na medida em que ela é assumida, que ela se torna elemento do *ideal do eu*. A realidade, cabeça de capítulo, implica as relações do Édipo com as afecções que comportam uma desorganização da relação com a realidade, perversão e psicose.

Agora, tratemos ir um pouco mais longe. É claro, que aqui, no terceiro capítulo, isto é, ao redor do que concerne à função do Édipo na medida em que ela ressoa diretamente sobre essa assunção do sexo, toda a questão de complexo de castração no que ela tem de nem tanto elucidado, é que vamos avançar.

De qualquer maneira, pois, essas relações maciças, globais, sublinhadas pela história, estando para cada um suficientemente presentes, demandarão pois: *Então, e o pai, o que estava fazendo, o pai, durante esse tempo? Em que o pai está implicado na coisa?* Trata-se de uma observação real a respeito de cada assunto.

A questão da ausência ou da presença do pai, do caráter benéfico do pai, é, vocês sabem, uma questão que, certamente, não está velada. Vimos até surgir, recentemente, o termo carência paterna. Não é abordar o mesmo assunto. A questão de saber o que se tem podido dizer a respeito e se isso fazia sentido, é outro problema. Mas enfim, essa carência paterna, quer ela seja chamada assim quer ela não seja chamada assim, é, de alguma maneira, um assunto na ordem do dia, precisamente, e sobretudo numa evolução de análise que se torna sempre mais ambientalista, como se diz elegantemente. Isto é, de que se trata?

Naturalmente, nem todos os analistas cometem este erro, graças a Deus! Muitos analistas aos quais vocês teriam informações biográficas tão interessantes quanto dizer-lhes: mas os pais não se davam um com outro, havia desentendimento conjugal, isso explica tudo — lhes responderão — mesmo àqueles com os quais não estamos sempre de acordo lhes dirão: *E daí? Isso não prova absolutamente nada, não devemos esperar nenhuma espécie de efeito particular.* No que eles terão razão.

Dito isto, quando se busca, a gente se interessa no que, relativamente ao pai? Quando se quer falar de carência paterna isso se agrupará sobre o registro de certa maneira biográfico. O pai estava ou não estava ali? Ele estava viajando, ele se ausentava? Ele voltava freqüentemente? Perguntas que representam a ausência do pai. Será que um Édipo pode se constituir de maneira normal quando não há pai, por exemplo? São perguntas que, certamente, são muito interessantes em si, e eu diria mais, é por aí que se introduziram, em suma, os primeiros paradoxos, os que fizeram colocar as perguntas que se seguiram. Apercebeu-se que não era tão simples, que um Édipo podia muito bem se constituir mesmo quando o pai não estava lá.

No início acreditava-se até que era por algum excesso, se assim se pode dizer, a presença em excesso do pai que gerava todos os dramas, no tempo onde a imagem do pai terrífico era considerada como o elemento lesional. Na neurose, apercebeu-se, muito rapidamente,

15 de janeiro de 1958

que era ainda mais grave quando ele era demasiadamente gentil. Fizeram-se estas escolas com lentidão, e é no interior disso que, primeiro, eu lhes falo aproximadamente da questão onde as coisas estão atualmente, e é no interior disso que vou tentar recolocar um pouco de ordem para ver onde estão os paradoxos. Estamos agora na outra extremidade, a interrogar-nos sobre as carências paternas.

Há o que se chamam os pais fracos, os pais submissos, os pais domados, os pais castrados por sua mulher, enfim os pais aleijados, os pais cegos, os pais *cangalhas*, tudo o que vocês quiserem.

Seria porém necessário tentar perceber o que emana de tal situação. Estamos tentando encontrar fórmulas mínimas que nos possibilitem progredir. Primeiro a questão de sua presença ou de sua ausência, quero dizer concreta. Se nós colocamos, justamente ao nível onde se situam estas pesquisas, isto é, ao nível da realidade, o que se chama o ambiente, enquanto elemento de ambiente, pode-se dizer que é perfeitamente possível, concebível, realizado, tocável pela experiência, que ele esteja aí mesmo quando ele não está aí. O que deveria já nos incitar a certa prudência concernente à função do pai, no manuseio do ponto de vista pura e simplesmente ambientalista. Os complexos de Édipo totalmente normais, normais em ambos os sentidos, normais enquanto normalizantes de um lado e também normais enquanto eles desnormalizam, quero dizer, por seu efeito neurotizante, por exemplo, se estabelecem de uma maneira exatamente homogênea aos outros casos, mesmo no caso em que o pai não está aí, quero dizer, a criança foi deixada sozinha com sua mãe. Primeira coisa que deve chamar nossa atenção.

No que concerne à carência, gostaria simplesmente de fazer-lhes notar, quando o pai está faltando, e na medida em que se fala de carência, que nunca se sabe de quê. Porque se, em certos casos, se diz que ele é demasiado gentil, isto pareceria significar que é preciso que ele seja ruim. Por outro lado, o fato que, manifestamente, ele possa ser demasiado ruim implica que talvez fosse melhor de vez em quando ser gentil. Afinal de contas há muito tempo que se explorou esta manobra. Entreviu-se o problema de sua carência, não de uma maneira direta, concernente diretamente ao sujeito, à criança de que se trata mas, como era evidente desde a primeira abordagem, isto é, enquanto membro do trio fundamental, ternário, da família, isto é, enquanto ocupando seu lugar na família que podia-se começar a dizer coisas um pouco mais eficientes concernentes à carência.

Não se chegou por isso a formulá-las melhor. Não quero me estender longamente sobre isso. Mas já falamos a respeito no ano passado, a respeito do pequeno Hans. Vimos as dificuldades que tínhamos só do ponto de vista ambientalista para bem precisar de que era esta carência em um personagem que estava longe de ser carente. Poderemos ir mais longe, neste sentido em que o personagem estava totalmente longe de ser carente em sua família, ele estava aí, ele desempenhava seu papel, ele estava ali perto de sua mulher, ele conversava, ele se fazia um tanto aborrecido, ele se fazia *manchar para aquele lugar* pela mulher, mas, enfim, ele cuidava muito da criança, não estava ausente e estava tão pouco ausente que até fazia analisar seu filho. É o melhor ponto de vista que se pode esperar de um pai, neste sentido pelo menos.

Creio que este problema da carência do pai, vamos voltar a ele, aí se entra num mundo tão movediço que é preciso fazer a distinção que nos possibilite ver em que a procura peca. A procura peca não por causa daquilo que ela encontra, mas por causa daquilo que ela procura. Creio que o defeito de orientação é este: é que se confundem duas coisas que têm relação mas não se confundem. É a relação ao pai enquanto normativa, com o pai

15 de janeiro de 1958

enquanto normal, mas aí é jogar o problema ao nível da estrutura neurótica, psicótica do pai. Portanto, o problema do pai normal é um problema; o problema de sua posição normal na família é outro.

E este outro problema ainda não se confunde, aí é o terceiro ponto que lhes adianto, que é importante, que não se confunde com uma definição exata de seu papel normativante, porque eu lhes digo isto: falar de sua carência na família não é falar de sua carência no complexo. Porque, para falar de sua carência no complexo é preciso introduzir outra dimensão que não a dimensão realista, se assim posso dizer, aquela que é definida pelo modo caracterológico, biográfico ou outro em sua presença na família. Eis a direção em que vamos dar o passo subsequente.

Cheguemos agora às notas, aos lembretes que podem nos possibilitar introduzir mais corretamente o problema do papel do pai. Se é seu lugar no complexo no qual podemos encontrar a direção para onde avançarmos, a direção para colocar uma formulação correta, interroguemos agora o complexo e comecemos pelo começo, pelo beabá.

No início, disse-lhes eu, o pai terrível. Todavia, a imagem resume alguma coisa muito mais complexa, como o nome indica. O pai intervém em vários planos. Ele interdita a mãe, primeiro. Aí está o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, aí é que o pai está ligado à lei primordial, lei de interdição de incesto. É o pai, nos é lembrado, que está encarregado de manter esta interdição. Às vezes ele deve manifestá-la de maneira direta, a criança se deixa levar às suas expansões, às suas manifestações, às suas tendências, às suas inclinações. Mas é muito além que ele desempenha este papel, é por toda sua presença, é pelos efeitos no inconsciente que ele exerce esta interdição da mãe. Vocês esperam que eu diga "sob ameaça de castração". É verdade, é verdade, é preciso dizê-lo, mas não é tão simples. De acordo. A castração entra num papel evidentemente manifesto e que será por sinal sempre mais confirmado. O elo da castração à lei é essencial, mas vejamos como isso nos é apresentado clinicamente, como primeiro o complexo de Édipo se apresenta a nós. Sou obrigado a lembrá-lo a vocês porque isso deve evocar em vocês todo tipo de evocações textuais.

A relação, tomemos primeiro o menino, entre o filho, o rapaz e o pai, é comandada pelo medo da castração. De acordo. Este medo da castração, o que ele é? Como, por qual extremidade o abordamos? Primeiro, na primeira experiência do complexo de Édipo, sob a forma de quê? De uma retorsão. Quero dizer que é dentro da relação agressiva na medida em que essa agressão parte da criança, do rapaz, na medida em que seu objeto privilegiado, a mãe, lhe é interdito. É na medida em que a agressão é dirigida contra o pai que a criança, pois, no plano imaginário, na relação dual na medida em que ela projeta imaginariamente no pai as intenções agressivas equivalentes ou reforçadas em relação às suas, mas cuja origem está em suas próprias tendências agressivas. Em uma palavra, o medo sentido diante do pai é nitidamente centrífugo, quero dizer que ele tem seu centro dentro do sujeito. Isto está conforme à experiência, à História da Análise. É sob este ângulo que, muito rapidamente, a experiência nos ensina que devia ser medida a incidência do medo do pai experimentado no Édipo.

A castração, pois, na medida em que ela, de um lado, estiver ligada profundamente à articulação simbólica da interdição do incesto, e, por outro lado, e no primeiro plano, em toda nossa experiência, muito mais ainda naqueles que são os objetos privilegiados, naturalmente, isto é, os neuróticos, é algo que se manifesta sobre o plano imaginário e onde ela tem aí uma partida que não é uma partida do tipo do mandamento, isto é, como o diz a

15 de janeiro de 1958

lei de Manu: *A quele que dormirá com sua mãe se cortará as genitálias e segurando-as na mão direita ou esquerda* — não me lembro mais muito bem — *partirá para o Oeste até que a morte suceda*. Isto é a lei. Mas esta lei não alcançou, particularmente, os ouvidos de nossos neuróticos como tal. Ela é até, antes, deixada de lado.

Há, aliás, outras maneiras de resolver isso, mas não tenho mais tempo hoje para me deter sobre isso. Portanto isso está ligado à agressão imaginária do sujeito, à maneira como a neurose se encarna. Esta ameaça castrativa, ela é uma retorsão. É na medida em que Júpiter é perfeitamente capaz de castrar Cronos, que nossos pequenos Júpiteres receiam que Cronos comece ele mesmo a fazer o trabalho. E há outra coisa que nos traz o exame do complexo de Édipo, quero dizer, a maneira como ele está articulado, apresentado pela experiência, pela teoria, por Freud: é o delicado problema do Édipo invertido. Não sei se isso lhes parece evidente, mas leiam o artigo de Freud ou qualquer artigo de qualquer autor. Toda vez que está sendo abordado o problema do Édipo, se é surpreendido sempre pelo papel extremamente movediço, nuançado, desconcertante, que a função do Édipo invertido desempenha.

Este Édipo invertido nunca está ausente da função do Édipo, quero dizer que o componente de amor para com o pai não pode ser eliminado, é que ele é que dá o fim do complexo de Édipo, o declínio do complexo de Édipo, que é uma dialética que permanece muito ambígua do amor e da identificação, isto é, da identificação como tomando sua raiz no amor, sem contudo ser a mesma coisa. Todavia ambos os termos são estreitamente ligados e absolutamente indissociáveis.

Leiam o artigo que Freud escreveu sobre o declínio do complexo na explicação que ele dá da identificação terminal que é sua solução. É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica a ele e que ele encontra o termo, a solução do Édipo, nesta composição do recalque amnésico. E, por outro lado, esta aquisição nele deste termo ideal graças ao qual ele se torna o pai, ele pode se tornar, ele também, alguém que, não digo já e imediatamente, é um pequeno macho, mas que, se assim posso dizer, já tem seus títulos no bolso, o negócio em reserva. Quando o momento chegar, se as coisas correrem bem, se os porquinhos não o comerem <sup>3</sup> no momento da puberdade, ele terá seu pênis todo pronto com seu certificado: *papai está aí por mo tê-lo dado no momento oportuna*

Isso não ocorre assim, se a neurose estoura, porque há algo justamente não regular no título em questão. Mas o Édipo invertido também não é tão simples, pois é por esta via, é por esta via do amor, que pode ocorrer a posição propriamente falando de inversão, isto é, que o sujeito se encontre também, pela mesma via, na ocasião dada, não de uma identificação benéfica, mas de uma gentil e bondosa pequena posição passivada no plano inconsciente, que também fará sua aparição na data certa, isto é, que o colocará nesta espécie de bissetriz de esquizopânico [squeezepanique] que fará com que ele se encontre preso numa posição que ele descobriu sozinho, que é muito vantajosa.

É este pai que é temível, que proibiu tantas coisas, mas que é muito gentil para outras coisas: é colocar-se no lugar certo para ter seus favores, isto é, fazer-se amar por ele, mas como fazer-se amar por ele consiste aparentemente, consiste primeiro em passar à condição de mulher e conservar sempre seu pequeno amor-próprio viril é o que Freud nos explica. Fazer-se amar pelo pai comporta o perigo da castração, de onde esta forma de

<sup>3</sup> Expressão popular na França: *Se os porquinhos de Périgord não o tomarem por uma trufã, esse menino vai longe...*, em referência a animais para encontrar trufas.



15 de janeiro de 1958

homossexualidade inconsciente que coloca o sujeito nesta posição essencialmente conflitual de retumbâncias múltiplas, que é, de um lado, da volta sempre da posição homossexual em relação ao pai, e, de outro, de sua suspensão, isto é, de seu recalque em razão da ameaça de castração que ele comporta. Tudo isso não é simples, simples. Ora, é o que estamos tentando fazer. É abordar algo que nos possibilite concebê-lo de maneira mais rigorosa, o que comporta que poderemos, depois, a cada observação e a cada caso particular, melhor e mais rigorosamente colocar nossas perguntas.

Portanto, resumindo. Numa palavra, o resumo vai consistir em introduzir um certo número de distinções que, creio, são o prelúdio da centragem do ponto que não vai bem. Há pouco já havíamos adiantado isto, que era aí, ao redor do *ideal do eu*, que a pergunta não havia sido feita. Aqui, tentemos também fazer a redução que acabamos de lembrar e de abordar. Eu lhes proponho isto: creio já que não é adiantar-se demais dizer que o pai chega aqui contudo em posição de incomodante, perturbador, e não somente abarrotante por seu volume, mas em posição de incomodante porque ele proíbe. Ele proíbe o quê?

Retomemos e distingamos: ele proíbe primeiro a satisfação real da impulsão. Se devemos fazer entrar em jogo a aparição da impulsão genital, que não seja ali, posto que ela bem parece intervir antes. Mas é claro também que algo se articula ao redor do fato que ele proíbe à criancinha de fazer uso de seu pênis no momento em que o dito pênis começa a manifestar o que chamamos veledades. É a relação de interdito do pai no tocante à impulsão real.

Façamos logo uma ressalva a este nível: por que o pai? A experiência comprova que a mãe o faz tão bem! Lembrem-se da observação do pequeno Hans. A mãe diz a ele: *coloque isso para dentro, isso não se faz*. E até, é mais freqüentemente a mãe quem diz: *Se continuares, vamos chamar o médico que vai cortá-lo*.

Portanto, assinalemos bem que o que acontece é que o pai, na medida em que ele proíbe ao nível da impulsão real, não é tão essencial. Então, se vocês se lembram de meu quadro do ano passado — vocês vêem que isso termina sempre servindo — retomemos o que eu lhes trouxe: o esquema com três andares: castração, frustração, privação.

De que se trata? Chamo sua atenção. Trata-se, pois, da intervenção real do pai concernente ao quê? Uma ameaça imaginária, pois é bem claro que é raro que aconteça que se lho corte realmente. Portanto encontramos bem o que ocorre justamente ao nível da ameaça de castração. Faço-lhes notar que a castração é um ato simbólico cujo agente é alguém real: o pai ou a mãe que diz: *vamos cortá-lo* e cujo objeto é um objeto imaginário. Se a criança se sente cortada, é que ela o imagina.

Ora, faço-lhes notarem, é paradoxal, porque vocês poderão me dizer: *isso é propriamente o nível da castração, e você diz que o pai não é tão útil*. É bem o que eu digo. Mas sim. Por outro lado, o que ele proíbe, o pai? Pois o ponto de onde partimos, isto é, a mãe como objeto, ela é dele, ela não é do filho.

É sobre este plano que se estabelece, a uma etapa ao menos, no rapaz como na moça, esta rivalidade com o pai que gera, sozinha, uma agressão. É que o pai frustra verdadeiramente a criança da mãe.

Eis outra etapa, outra etapa se quiserem, eu lhes faço notar que o pai aqui intervém como tendo direito e não como personagem real, isto é, que mesmo se ele não está aí, se ele chama a mãe pelo telefone, por exemplo, o resultado é o mesmo. É o pai, aqui, enquanto

15 de janeiro de 1958

simbólico que intervém numa frustração, até imaginário concernente aí a um objeto bem real, que é a mãe, na medida em que a criança precisa dela.

E há o terceiro termo que intervém nesta articulação do complexo de Édipo, que é o pai na medida que ele se faz preferir pela mãe, pois esta dimensão, vocês são absolutamente forçados a fazê-la intervir na função terminal, naquela que termina na formação do *ideal do eu*. É na medida em que o pai se torna, por qualquer lado que seja, o lado da força ou da fraqueza, um objeto preferível à mãe, que vai poder se estabelecer a identificação terminal. A questão do complexo de Édipo invertido e de sua função se estabelece a este nível. Eu diria mais. É mesmo aqui que se centra a questão totalmente importante da diferença do efeito do complexo sobre o rapaz e sobre a moça.

É bem evidente que a este nível é muito simples no tocante à menina, e é por isso que se diz que a função do complexo de castração é dissimétrica para o menino e para a menina. É na entrada que esta questão tem importância, e que no fim ela facilita a solução, porque o pai não tem dificuldade para se fazer preferir à mãe como portadora do falo. Para o menino é diferente e vocês vêem, é sempre aí que permanece aberta a hiância. Isto é, que para se fazer preferir à mãe na medida em que é por aí que se produz a saída do complexo de Édipo, pois bem, nós nos encontramos diante da mesma dificuldade da instauração do complexo de Édipo invertido, e nos parece, pois, que para o menino, o complexo de Édipo deve existir sempre, e, em todos os casos, o que há de menos normativante, posto que ele está todavia implicado, que ele o é mais, já que é por esta identificação ao pai que, afinal de contas, nos é dito que a virilidade é assumida.

Afinal de contas o problema é saber por que este pai que é essencialmente proibidor não chega aqui ao que é a conclusão muito nítida do terceiro plano, isto é, que é porque se produz a identificação ideal que o pai se torna *o ideal do eu*, que algo se produz, algo que é o quê? Algo que, em todo caso, tende a ser para o menino bem como para a menina. Mas para a menina o que há de bom é que ela reconhece que não tem falo, ao passo que para o menino seria uma saída absolutamente desastrosa, e que às vezes o é.

Em outras palavras, o que conseguimos centrar como o momento de resultado normativante do Édipo produz a um ponto e numa relação tais (inscrição da fórmula no quadro) ..... isto é, que a criança reconhece não haver escolhido. Ela não escolheu verdadeiramente o que ela tem, eu lhos disse.

O que ocorre ao nível da identificação ideal, nível onde o pai se faz preferir à mãe, ponto essencial e ponto de saída do Édipo, é algo que deve literalmente chegar à privação. Posto que tudo isto é totalmente admissível e totalmente conformizante, ainda que isso nunca esteja realizado completamente na mulher como proveniente do Édipo, pois sempre permanece nela este pequeno ressaíbo, o que se chama o pênis *neid* e que comprova que isso não funciona verdadeiramente rigorosamente, mas no caso onde isso deve funcionar, se nós nos atemos a este esquema, o menino, ele sim, deveria sempre ser castrado. Há, pois, algo errado, que falta em nossa explicação.

Tentemos agora introduzir a solução. A solução é esta: é que o pai, não digo na família — na família ele é tudo o que ele quer, ele é uma sombra, ele é um banqueiro, ele é tudo o que ele deve ser, ele o é ou ele não o é, isso tem ocasionalmente toda sua importância, mas pode igualmente não ter nenhuma — todo o problema é saber o que ele é no complexo de Édipo. Pois bem, o pai não é um objeto real, mesmo se ele deve intervir como objeto real para dar corpo à castração. Ele não é um objeto real, então o que ele é? Ele tampouco é

15 de janeiro de 1958

unicamente este objeto ideal porque, do lado deste objeto, só podem acontecer desastres. Ora, contudo, o complexo de Édipo não é unicamente uma catástrofe, posto que é o fundamento e a base de nossa relação com a cultura, como se diz.

Então, naturalmente, vocês vão me dizer: *o pai, é o pai simbólico, você já o disse*. Mas se eu só tivesse isso para repetir a vocês, eu já o disse o bastante para não trazê-lo hoje. O que trago hoje é o que possibilita, justamente, trazer um pouco mais de precisão a esta noção de pai simbólico, é isto: o pai é uma metáfora.

Uma metáfora, o que é? Digamo-lo logo para colocá-lo sobre este quadro, o que vai nos possibilitar retificar as conseqüências escabrosas do quadro. Uma metáfora, já o expliquei, é um significante que vem no lugar de outro significante. Digo o pai no complexo de Édipo, mesmo se isso deva aturdir os ouvidos de alguns. Digo, exatamente, o pai é um significante substituído a um outro significante. E aí está a mola, e a única mola essencial do pai na medida em que ele intervém no complexo de Édipo. E se não é neste nível que vocês procuram as carências paternas, vocês não as encontrarão em nenhum outro lugar.

A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante substituído ao significante, isto é, ao primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. É na medida em que o pai vem segundo a fórmula que lhes expliquei uma vez ser a da metáfora, vem no lugar da mãe: **S** no lugar de **S'**, que é a mãe estando já ligada a algo que era *x*, isto é, algo que era o significado na relação da criança à mãe (explicação da fórmula no quadro).

É esta mãe que vai, que vem, porque eu sou um pequeno ser já tomado no simbólico. É porque aprendi a simbolizar que se pode dizer que ele vai, que ela vem. De outra maneira, eu a sinto ou não a sinto. Enfim, o mundo varia com sua chegada e depois pode se evanescer. A pergunta é: onde está o significado? O que é que ela quer, aquela, eu gostaria que fosse eu que ela quisesse, mas está bem claro que não é somente eu que ela quer, outra coisa há que a preocupa. O que a preocupa é o *x*, é o significado.

Em suma, para resumir-lhes meu seminário do ano passado, a questão não está na relação de objetos, de colocar isso no centro da relação de objetos. É pura besteira. A criança, é ela o objeto parcial. É porque, primeiro ela é o objeto parcial que ela é induzida a se perguntar: o que isso quer dizer, que ela vá e que ela venha? Este significado das idas e das vindas da mãe, é o falo. A criança, com mais astúcia, com mais ou menos sorte, pode conseguir muito cedo se fazer falo, uma vez que entendeu. Mas a via imaginária não é a via normal, é aliás por isso que ela acarreta o que se chamam fixações. E ela não é normal porque, afinal de contas, como lhes direi, ela nunca é pura, não é completamente acessível, ela sempre deixa algo de aproximativo e de insondável, de dual, que até faz todo o polimorfismo da perversão. Mas pela via simbólica, isto é, pela via metafórica, eu coloco primeiro, eu lhes explicarei como depois, porque não podemos ir mais rápido, mas eu lhes coloco logo, já estamos quase chegando ao fim de nossa conversa de hoje, é o esquema que vai nos servir de guia: é na medida em que o pai se substitui à mãe como significante que vai ocorrer este resultado ordinário da metáfora, aquele que está expresso na fórmula no quadro.

Não lhes digo que lhes apresento a solução aqui sob uma forma já transparente porque a apresento em seu último termo, em seu resultado para lhes mostrar aonde vamos. Vamos ver agora como vamos lá e de que serve ter ido lá, isto é, tudo o que isso resolve.

Então, temos a escolha entre duas coisas, seja que eu os deixe aí, com a mão nesta afirmação bruta: a intervenção do pai, eu a coloco, e pretendo que por aí tudo pode ser resolvido como sendo isto: substituição de um significante a outro significante, e vocês vão

15 de janeiro de 1958

ver toda a questão se esclarecer, toda a questão dos impasses do Édipo, ou então começo a lhes explicar um pouquinho a coisa.

Vou lhes introduzir a coisa, vou lhes dar uma dica que, espero, vai lhes deixar contudo o objeto para seus sonhos esta semana, já que, na próxima vez, para lhes falar da metáfora e de seu efeito, será preciso que lhes diga, que lhes lembre, onde ela se situa, isto é, no inconsciente. Gostaria de fazê-los notar isto, é que há uma coisa verdadeiramente muito surpreendente, é que não se haja descoberto o inconsciente mais cedo, porque, claro, ele estava aí desde sempre e aliás ele continua estando aí. Foi preciso saber o que ocorre no interior para saber que o elo existia.

Mas gostaria de lhes dar, simplesmente, algo à maneira pelo qual vocês, que partem através o mundo, sob a forma — espero — de apóstolos de minha palavra vocês poderiam introduzi-la, a questão do inconsciente, para pessoas que nunca ouviram falar disso. Vocês diriam a elas: como é estranho que, desde que o mundo é mundo, nenhuma destas pessoas que se autodenominam filósofos nunca tenha pensado em introduzir pelo menos no período clássico — agora estamos um pouco dispersados mas ainda há bastante caminho a ser percorrido — esta dimensão essencial que é a de que lhes falei sob o nome do que se pode chamar: outra coisa.

Eu já lhes disse: *o desejo de outra coisa*. Dever-se-ia, apesar de tudo, sentir que, freqüentemente, está aí o desejo de outra coisa, não talvez como vocês o sentem no momento, o desejo de ir comer uma salsicha de preferência a me escutar, mas qualquer que seja o de que se trata, o desejo de outra coisa como tal.

Ora, esta dimensão não está unicamente, simplesmente presente no desejo. Gostaria simplesmente de evocar para vocês que ela está presente em muitos outros estados que são absolutamente constantes, permanentes. A vigília, por exemplo, o que se chama a vigília. Não se pensa bastante nisso. Vigiar, vocês me dirão, o quê? Vigiar é a coisa, vocês sabem, que Freud faz no Presidente Schreber, é bem o tipo de coisas que nos revelam a que ponto Freud vivia nesta *outra coisa*. Ele nos fala antes do amanhecer, se vocês o têm conferido, eu lhes falei do dia, da paz da tarde e de alguns outros pequenos truques iguais que chegaram mais ou menos até vocês, isto era totalmente centrado ao redor desta indicação. Antes do amanhecer, é, propriamente falando, o sol que vai aparecer? É outra coisa que é latente, o momento de vigília, que está sendo esperado.

E, depois, a claustração. É, contudo, uma dimensão totalmente essencial. Assim que um homem chega em algum lugar na mata virgem ou no deserto, ele começa por se trancar. Se fosse preciso, como se diz, ele levaria duas janelas para criar correntes de ar entre elas, mesmo se ele só tivesse isso. Esta claustração é também uma dimensão essencial, trata-se de estabelecer um interior, e não é simplesmente uma solução de interior e de exterior, é a noção do *Outro* o que é outro como tal do que não é o lugar onde se é bem aconchegado, e eu diria mais, se vocês explorassem de maneira um pouco mais profunda esta fenomenologia, como se diria, da claustração, vocês se aperceberiam até que ponto é absurdo limitar a função do medo ao que se chama uma relação com um perigo real.

A ligação estreita do medo com a segurança deveria lhes ser manifestada da maneira mais clara pela fenomenologia da fobia. Vocês se aperceberiam que, no fóbico, seus momentos de angústia, é quando ele se apercebe de que ele perdeu seu medo, no momento em que vocês começam a tirar-lhe a fobia. É naquele momento que ele se diz: *Ópa, lá! não vou bem*

15 de janeiro de 1958

*isso não dá, não sei mais quais são os lugares onde devo parar. Ao perder meu medo, perdi minha esperança.* Enfim, tudo aquilo que lhes disse ano passado sobre o pequeno Hans.

Há um momento em que vocês não pensam bastante, disso estou persuadido, porque vocês vivem nele como em seu ar natal, se assim posso dizer. Isso se chama o tédio. Vocês talvez nunca refletiram bem até que ponto o tédio é tipicamente algo que chega até a se formular da maneira mais clara, que se desejaria *outra coisa*. Pode-se bem comer merda, mas nem sempre a mesma. Isso são espécies de álibis, de álibis formulados, já simbolizados, disto que é esta relação essencial com *outra coisa*.

Gostaria de terminar com isso. Vocês poderiam crer que, de repente, eu caio no romantismo e na tristeza da alma, vocês consideram: o desejo, a clausuração, a vigília, eu quase ia dizer a prece, por que não? O tédio, para onde ele vai, para onde ele desliza?

Mas não. Aquilo sobre que gostaria de chamar sua atenção é sobre estas várias manifestações da presença da outra coisa na medida em que, reflitam nisso, elas são institucionalizadas. Vocês podem fazer uma classificação de todas as formações humanas, na medida em que elas instalam os homens aonde quer que eles forem e em todo lugar. O que se chamam formações coletivas conforme a satisfação que dão a estes vários modos da relação a outra coisa.

Assim que um homem chega em algum lugar, ele faz..., isto é, o lugar onde está verdadeiramente o desejo. Assim que ele chega em algum lugar, ele espera algo, um mundo melhor, um mundo futuro. Ele está aí, ele vigia, ele aguarda a revolução mas sobretudo, e sobretudo assim que ele chega em algum lugar, é extremamente importante que todas as suas ocupações transpirem o tédio, em outras palavras, uma ocupação só começa a se tornar séria quando o que a constitui, isto é, em geral a regularidade, tem-se tornado perfeitamente aborrecido. E, em particular, pensem em tudo aquilo que, em sua prática analítica, está muito exatamente feito para que vocês aí se entediem.

Tudo está aí. Uma grande parte, ao menos, das prescrições, o que se chamam regras técnicas a serem obedecidas pelo analista não são em seu fundo outra coisa senão dar a esta ocupação todas as suas garantias do que se chama seu padrão profissional. Se vocês olharem bem no fundo das coisas, vocês se aperceberão que é na medida em que elas criam, entretêm e mantêm como no coração a função do tédio.

Isto é de certa maneira uma pequena introdução que não os fez entrar, propriamente falando, naquilo que lhes direi na próxima vez. Retomarei na próxima vez as coisas para lhes mostrar justamente que é ao nível deste *Outro* como tal que se situa a dialética do significante e como é de lá que ela aborda a função, a incidência, a pressão precisa, o efeito indutor do *nome-do-pai*, igualmente como tal.